



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

ANA REBECA SANTOS SOARES

PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS ALVEOLARES EM FALARES ALAGOANOS

MACEIÓ, 2021

ANA REBECA SANTOS SOARES

PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS ALVEOLARES EM FALARES ALAGOANOS

Artigo desenvolvido como trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Profº. Drº. Alan Jardel de Oliveira

MACEIÓ, 2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto– CRB\$-1767

S676p Soares, Ana Rebeca Santos.
 Palatalização de oclusivas alveolares em falares alagoanos / Ana
 Rebeca Santos Soares. – 2021.
 29 f.: il.

 Orientador: Alan Jardel de Oliveira.
 Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em
Letras: Português) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de
Letras, Maceió, 2021.

 Bibliografia: f. 28-29.

 1. Sociolinguística. 2. Palatalização de oclusivas. 3. Mudanças
linguísticas. 4. Variáveis sociais. I. Título.

CDU: 81'27

PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS ALVEOLARES EM FALARES ALAGOANOS

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras – Português.

Maceió – Alagoas, 23 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira – Fale/Ufal – Orientador

Profa. Dra. Jeylla Salomé Barbosa Lima – Examinadora 1

Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira – Examinador 2

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a análise da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, quando seguidas de /i/, numa perspectiva sociolinguística variacionista. Para isso, foi realizada a pesquisa de cunho quantitativo, na qual se tem um banco de dados composto por entrevistas realizadas, entre os falantes de Alagoas, com a metodologia das narrativas orais, das quais foram extraídos os dados conforme a variante estudada. A finalidade deste estudo é investigar as variáveis que estão diretamente ligadas à ocorrência da palatalização e de que forma favorecem ou desfavorecem esse fenômeno, avaliando se a variação é estável ou se refere a uma mudança em curso. Por fim, chegou-se à conclusão de que há variáveis mais significativas do que outras com relação à realização da variante em questão, como por exemplo, a variável social que mostra a interação entre idade e escolaridade, o que nos permitiu refletir sobre os valores sociais positivos e negativos a respeito da palatalização das oclusivas alveolares. Em determinada faixa etária e nível de escolaridade a variante é estigmatizada, já em outra situação, ela pode ser de grande prestígio social.

Palavras- chaves: Sociolinguística; Palatalização de oclusivas; Mudança linguística; Variáveis sociais.

ABSTRACT

This paper has as its goal an analysis of alveolar occlusives palatalization /t/ and /d/, when followed by /i/, in a sociolinguistic variationist perspective. For that, was achieved quantitative research, which has a database with performed interviews itself, among Alagoas native speakers, using an oral narrative methodology, which were the data according a variant studied, extracted from. The goal of this study is to investigate the varieties which are directly linked to the occurrence of palatalization and in what way they favor or disfavor this phenomenon, evaluating whether the variation is stable or refers to a change of course. Lastly, it got to the conclusion that there are varieties more significant than others in a relation to the realization of the variant in matter, for instance, a social variant that shows an interaction between age and scholarship, which allowed us to think about the positives and negatives social values regarding alveolar occlusives palatalization. In certain age group and level of scholarship the variant is stigmatized, though in another situation, it may be a great social prestige.

Key-Words: variant, sociolinguistic, palatalization;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
3	METODOLOGIA	14
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1	Variáveis sociais	17
4.2	Variáveis linguísticas	21
5	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1 INTRODUÇÃO

Magda Soares afirma que,

embora um grupo de pessoas que utilizam a mesma língua constitua uma comunidade linguística, isto não significa que essa língua seja homogênea e uniforme. A Diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística resulta em um correspondente processo de diferenciação linguística. (SOARES, 1989, p. 40).

Tendo em vista a grande variedade da língua falada em diferentes espaços geográficos, este trabalho tem como objetivo investigar o fenômeno da palatalização das oclusivas /t/ e /d/ seguidas de /i/, como em ‘tia’ e ‘dia’, no português falado em Alagoas e de que forma os fatores linguísticos e sociais se relacionam com os processos de palatalização, condicionando seus usos. Ademais, analisaremos se a variação é estável ou se refere a uma mudança em curso.

Sobre as oclusivas, Monteiro (2009) afirma que “a oclusão ocorre quando os articuladores estão dispostos de tal forma que impedem completamente a saída do ar. O véu palatino está levantado, e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral” (Monteiro, 2009, p. 18). Isso ocorre com as oclusivas ‘t’ e ‘d’, por exemplo.

Quando uma oclusiva se une a uma fricativa no mesmo lugar de articulação, é formada a africada. Ainda conforme Monteiro (2009)

Na fase inicial da produção de uma africada, os articuladores produzem uma obstrução completa na passagem da corrente de ar através da boca, e o véu palatino encontra-se levantado (como nas oclusivas). Na fase final dessa obstrução (quando se dá a soltura da oclusão) ocorre, então, uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar (como nas fricativas). O véu palatino continua levantado durante a produção de uma africada. (MONTEIRO, 2009, p. 19)

Pode-se dizer que “as variedades regionais que apresentam africadas são ditas serem palatalizantes e as variedades regionais que não apresentam africadas são ditas serem não palatalizantes.” (CRISTÓFARO, 2012, p. 61)

Cristófaró (2012) afirma que, “tradicionalmente, o português teria somente consoantes oclusivas alveolares, sendo que africadas surgiriam em decorrência do processo de palatalização.” (CRISTÓFARO, 2012, p. 61)

Ainda de acordo com Cristófaró (2012), o fenômeno de palatalização tem sido caracterizado como um caso de distribuição complementar, em que as consoantes africadas ocorrem seguidas da vogal [i] e as consoantes oclusivas ocorrem seguidas das demais vogais. Silva (2016) demonstra que, em falares alagoanos, as consoantes africadas seguidas da vogal ‘i’ são pouco frequentes. Além disso, Oliveira e Oliveira (2021) demonstram a alta frequência de palatalização progressiva das oclusivas, sem a presença de uma vogal ‘i’ seguinte.

O processo de palatalização, no português, integra consoantes palatais que não pertenciam à fonologia do latim clássico, mas que surgiram, de acordo com Oliveira et. al. (2018)

pela mesma motivação, ou seja, pela presença de um segmento vocálico ou fricativo de natureza palatal em suas proximidades, de modo que a palatalização mantém, como particularidade de realização, a presença de um gatilho fonético com minudências palatais.” (OLIVEIRA et al, 2018, p. 103)

Para Cristófaró (2012), a palatalização já se consolidou como mudança sonora em algumas variedades regionais do Brasil. Porém, em outras regiões essa variedade é pouco usada, como em Alagoas, por exemplo, e em outras partes do Nordeste.

Diante disso, esta pesquisa busca analisar tais processos em algumas cidades de Alagoas, levando em consideração alguns fatores que podem condicionar o uso, ainda que provavelmente pequeno, dessa variante, como faixa etária, sexo, classe social etc.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de realizar uma pesquisa na área da Sociolinguística, é imprescindível que haja um aprofundamento acerca de diversos aspectos os quais abrangem

esse segmento. Nesta seção, abordaremos algumas questões que são muito importantes para o nosso estudo.

Historicamente, ao falarmos sobre linguística, podemos dizer que um grande marco para essa área começa, no século XX, com Ferdinand Saussure através do famoso “*Curso de linguística geral*”, publicado em 1916. Saussure inaugura a linguística moderna, delimitando e definindo seu objeto de estudo, estabelecendo seus princípios gerais e seu método de abordagem. Em resumo, o pai da linguística acreditava que a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma, ou seja, os fatores externos ao sistema são deixados de lado por ele.

Nos Estados Unidos, Chomsky lança também sua corrente de estudo sobre a língua com o chamado “gerativismo”, segundo o qual a língua (i) é concebida como um sistema de princípios universais; (ii) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência.

Tanto o estruturalismo de Saussure, quanto o gerativismo de Chomsky, entendem a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. Porém, a partir da década de 1960, a noção de língua como fato social dinâmico, cuja variação é explicada pela mudança social, por forças externas, ganha força com a sociolinguística laboviana. Embora William Labov não tenha sido o primeiro sociolinguista a propor esse modelo teórico, ele foi inspirado por modelos teóricos mais antigos, dando início a uma nova teoria, a chamada teoria da variação linguística. Essa área de estudo abrange diversas outras áreas de conhecimento como a antropologia, a sociologia e a geografia.

O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. (COELHO *et al* , 2010, p. 22).

Diante disso, o primeiro ponto que será colocado em questão aqui é o próprio objeto de estudo da Sociolinguística. De acordo com Tarallo (2004), um dos objetivos da Sociolinguística é desmistificar a ideia de que existe a variação linguística é caótica. Ao contrário, segundo o autor, trata-se de um campo de batalha

em que as variantes linguísticas duelam entre si. O foco do estudo da sociolinguística é a língua falada, em sua dimensão heterogênea (e não homogênea, como Chomsky e Saussure propuseram), diversificada e, por fim, passível de sistematização. O modelo de Labov visa justamente isso, analisar e sistematizar as variantes linguísticas usadas por uma comunidade de fala. Consoante a isso, uma importante evidência de que a heterogeneidade é organizada e sistematizada, está no fato de os indivíduos se entenderem e se comunicarem sem prejuízo algum, mesmo havendo tantas variações e diversidades linguísticas. Então, a língua ser heterogênea não implica em ausência de regras. Enquanto concebida como um sistema heterogêneo, a língua comporta regras variáveis. Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Tarallo (2004) afirma que a variação linguística “não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes”, muito pelo contrário, as palavras e construções em variação [...] “são ricas em significado social e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado representacional pelo qual “disputam”” (COELHO, 2010, p. 25).

Pode-se definir variável linguística como um conjunto de variantes linguísticas, as quais se caracterizam, de acordo com Tarallo (2004), como “duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa”, ou seja, a variável corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação. Já as variantes de uma comunidade de fala, por sua vez, são aquelas que se encontram sempre em uma relação de concorrência, como se fossem verdadeiras adversárias. Um exemplo bastante comum de variáveis e variantes linguísticas é a marcação de plural no SN. A marcação do plural é a própria variável e as variantes seriam a presença do morfema -s do plural ou a ausência desse segmento em itens nominais. Observe as variantes do exemplo:

1. as meninas bonitas
2. as menina bonita

No exemplo 1, temos a realização da marcação do plural ao longo do SN. No exemplo 2, temos a marcação do plural apenas no primeiro elemento do SN.

As variantes linguísticas podem ser classificadas como padrão ou não padrão, conservadora ou inovadora, de prestígio ou estigmatizada. Sobre tais classificações, Coelho (2010) afirma que

As variantes padrão, grosso modo, são as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não padrão se afastam desse modelo. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de prestígio, enquanto a não padrão é muitas vezes estigmatizada por essa comunidade. (COELHO *et al*, 2010, p. 27)

É possível tomar como exemplo, novamente, a marcação do plural. A presença do -s é uma variante padrão, conservadora e de prestígio. Em contrapartida, a ausência desse segmento é uma variante inovadora, estigmatizada e não padrão. Porém, é interessante destacar que nem sempre ocorrerá da forma que ocorreu no par supracitado. Labov (2008), por exemplo, em seus estudos, analisou um caso em que a variante era inovadora e de prestígio, e outro caso em que era conservadora e estigmatizada. Portanto, não há uma regra que determine que toda variante padrão e conservadora seja de prestígio ou que a inovadora e não padrão seja estigmatizada, cada caso tem suas peculiaridades e a missão do pesquisador é justamente analisar a situação de conflito e desmascarar a assistemática da variação linguística.

Em relação aos fatores condicionadores, pode-se dizer que existem alguns contextos que favorecem a realização de determinadas variantes. Tarallo (2004) faz uma analogia em que as variantes lutam como adversárias em um campo de batalha. Nessa situação, o autor diz que “um grupo de fatores é o conjunto total de possíveis armas usadas pelas variantes durante a batalha” (TARALLO, 2004, p. 36).

Assim, quando uma variante obtém vitória sobre a outra, provavelmente as armas usadas foram mais fortes que as da adversária, ou seja, naquele momento os fatores condicionadores de uma variante foram mais fortes que os da outra. Deste modo, pode-se dizer que as variantes se enfrentam e uma acaba sendo mais favorecida que a outra, a língua falada favorece uma, acelerando ainda mais o processo de sua implementação no sistema.

Os fatores condicionadores, mencionados acima, podem ser internos ou sociais. Ambos inibem ou favorecem o uso de uma ou outra forma linguística (ou variante). Abordaremos aqui parte da dimensão externa da variação linguística. Essa, por sua vez, abrange os seguintes tipos de variação: variação regional; variação social; variação estilística e variação diamésica. Porém, nosso foco será em torno da variação social, que engloba as variáveis sociais *sexo*, *idade* e *escolaridade*, que são os principais fatores sociais que condicionam a variação linguística.

Acerca da variável “escolaridade”, pode-se observar que tal variável age com base no contato que o falante teve ou não com a cultura letrada e com o uso da variedade padrão da língua. Para exemplificar, se observarmos os pares *nós vai/ a gente vamos* ou *nós vamos/ a gente* e pensarmos sobre qual escolha o falante escolarizado faria em uma situação comunicativa, provavelmente teremos a resposta de que ele optaria pelo segundo par, com as formas *nós vamos* e *a gente vai*. Em contrapartida, as formas *a gente vamos* e *nós vai* são realizadas com mais frequência entre os falantes pouco ou não escolarizados. Logo, pode-se constatar que essa variação é condicionada pelo fator “escolaridade”.

Outro fator também social é o “nível socioeconômico”, muito estudado, principalmente nos trabalhos de Labov. De acordo com tais estudos, “o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrões da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão” (COELHO, 2010, p. 78).

A variável “sexo/gênero” é outra que vem tradicionalmente sendo investigada em estudos variacionistas. Alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras que do que os homens. As mulheres prefeririam fazer uso das variantes de prestígio social, enquanto nos homens haveria uma preocupação menor no uso de tais variantes. Porém, vale dizer que “os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão a todo o momento sofrendo transformações” (COELHO, 2010, p. 79). Essa variável pode estar ligada a diversos outros aspectos como faixa etária, história social das diferentes comunidades, cultura, o papel da mulher na vida pública da sociedade, dentre outras. Por isso, é interessante que a análise dessa variável esteja sempre correlacionada a esses aspectos.

A análise da variável “faixa etária” tem suscitado muitas reflexões dentre os sociolinguistas, pois essa relação entre idade e variação linguística implica na reflexão de algumas questões sobre mudança linguística, dentre elas a indagação se a língua falada pelo indivíduo pode ou não mudar com o decorrer dos anos. Nesse caso, Coelho (2010), conforme Naro (2008), vai dizer que há duas posições teóricas diferentes que dão respostas distintas a esse questionamento. A primeira é a de que o indivíduo não muda a sua língua no decorrer dos anos, uma vez que o processo de aquisição da linguagem se encerra na puberdade e depois disso a língua fica basicamente estática. Ou seja, ao analisarmos a fala de uma pessoa de 70 anos estaríamos analisando a fala usada 55 anos atrás. Nesse sentido, haveria a variação na comunidade e não na fala do indivíduo. A segunda teoria diz que a língua falada pelo indivíduo pode mudar no decorrer dos anos. Às vezes há variação estável e não mudança em alguns casos de uso linguístico entre pessoas de diferentes faixas etárias.

Em geral, as pessoas que participam do mercado de trabalho monitoram mais a linguagem, aproximando-se da linguagem padrão. “Nesse caso, o indivíduo muda seu comportamento linguístico durante a sua vida, mas a comunidade à qual pertence permanece estável” (COELHO, 2010, p. 81). Vale salientar que, na dimensão externa, grupos de fatores como nível de escolaridade, nível socioeconômico e sexo/gênero, numa investigação de fenômenos de variação, não devem ser considerados isoladamente. O fator “faixa etária”, inclusive, “não pode ser estudado sem que se leve em conta uma correlação entre indivíduo e comunidade e entre esse fator e os demais fatores sociais” (COELHO, 2010, p. 81)

Labov propõe na sua teoria da variação e da mudança linguística um olhar sobre a estrutura das línguas e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas.

Não existe nenhum tipo de valoração associado: não está em jogo nenhuma avaliação positiva ou negativa – as línguas simplesmente mudam (nem para melhor, nem para pior). (COELHO *et al*, 2010, p. 22).

Segundo Tarallo (2004), nem tudo que varia sofre mudança. No entanto, toda mudança pressupõe variação. Consoante a isso, há duas possibilidades, a estabilidade das “adversárias”, em que se tem a coexistência das variantes e a

mudança em progressos, em que há “morte” entre as variantes. E, há ainda um aspecto a ser tratado, que é a “história”. Esse interesse nos fatos históricos sobre as variantes parte do pressuposto da tradicional linguística histórica, que diz que “a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração.” (TARALLO, 2004, p. 64).

Nesse caso, como se trata da análise da língua falada, como seria incluída a dimensão histórica? Como compensar a ausência de fitas gravadas? A resposta é que, para resolver esse problema, fazemos um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes. De acordo com Coelho (2010), “a mudança pode ser atestada, nesse caso, na comparação entre as diferentes faixas etárias e não na fala de um mesmo indivíduo. Tem-se então, variação na comunidade e estabilidade no indivíduo” (COELHO, 2010, p. 80)

Assim, é possível acrescentar uma dimensão histórica à análise, a mudança em tempo aparente, que é observada pelo comportamento linguístico de diferentes gerações num mesmo espaço de tempo. Além da mudança em tempo aparente, tem-se também a mudança em tempo real, a qual é captada pelo comportamento linguístico ao longo de diferentes períodos de tempo, ou seja, é captada a partir da análise de amostras diacrônicas do PB.

Neste estudo, propomos uma análise variacionista em tempo aparente, considerando que a análise de diferentes faixas etárias, associada à análise de outras variáveis sociais, pode nos trazer indícios de processos em mudança linguística ou em variação estável.

3 METODOLOGIA

Um dos princípios da pesquisa em sociolinguística é analisar o vernáculo, ou seja, a língua falada em seu uso linguístico espontâneo, ou com o menor monitoramento possível. Em outras palavras, trata-se da língua espontânea usada

no dia-a-dia, isto é, quando não há preocupação do falante em como produzirá os enunciados (TARALLO, 2004).

Nesse sentido, para realizar a pesquisa é necessária uma quantidade considerável de dados, que serão avaliados em função da variável estudada e com base nos objetivos centrais do estudo.

Para a realização deste trabalho, foi utilizado o banco de dados do projeto PORTAL – Variação linguística no português alagoano (OLIVEIRA, A. J., 2017), que é um banco de dados de falares alagoanos, coletado a partir de entrevistas semiestruturadas (entrevistas do tipo “história de vida” e opiniões sobre temas polêmicos).

“O PORTAL disponibiliza gravações e transcrições de 240 participantes distribuídos em 10 cidades alagoanas”. Contudo, para esta pesquisa, foram escolhidas sete cidades do interior de Alagoas: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Penedo, Santana do Ipanema, União dos Palmares, São Miguel dos Milagres e Palmeira dos Índios.

A amostra desta pesquisa foi constituída por 168 participantes, 24 por cidade pesquisada. Os critérios de inclusão foram (1) ter nascido no município, (2) não ter se ausentado do município por mais de 10 anos e (3) ter ambos os pais nascidos também no município (preferencialmente). A amostragem foi não probabilística utilizando-se a técnica denominada “bola de neve”, no qual os participantes foram selecionados por indicação de amigos ou conhecidos.

As entrevistas utilizadas nesta pesquisa têm duração entre 9 e 11 minutos e foram gravadas em sua maioria na casa dos informantes. Os falantes receberam instruções antes de iniciar as gravações, foi informado como seria a conversa, e houve muito cuidado no que era dito para não causar desconforto e assim amenizar os efeitos do paradoxo do observador. Ao final de cada entrevista, era aplicado um questionário social. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Após a realização da etapa supracitada, a próxima tarefa foi transcrever as entrevistas de acordo com a ortografia padrão e utilizando o software PRAAT, o que possibilita a sincronização entre áudio e texto. Foram criados 3 tiers: para falas do pesquisador; para a fala do informante e para 'outros', em que se registraram falas de terceiros ou outros sons. A codificação dos colaboradores se deu da seguinte forma: o participante SI18M08 era morador da cidade de Santana do Ipanema (SI), tinha 18 anos, era do sexo masculino (M) e tinha 8 anos de escolaridade.

Para selecionar foi usado recursos de editores de texto, que faz a seleção de forma automática. Ademais, as ocorrências foram analisadas acusticamente (com análise de espectrogramas e oscilogramas) com o objetivo de classificar de forma mais objetiva as variantes.

As amostras por cidade obedecem às cotas conforme quadro a seguir:

Gênero	Escolaridade	Faixa etária		
		18-35 anos	45 a 55 anos	Mais de 65 anos
Masculino	< 8 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Feminino	< 8 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Total		24 participantes por cidade		

Figura 1: Tabela com a estratificação social dos participantes

Fonte: <https://www.portuguesalagoano.com.br>

Para analisar estatisticamente os dados, foi utilizado o software R, tendo como variáveis independentes sociais: sexo/gênero (masculino e feminino); faixa etária (18-35 anos, 36-60 anos e mais de 60 anos); escolaridade (fundamental, médio e superior) e a cidade (Arapiraca, Delmiro Gouveia, Penedo, Santana do Ipanema, União dos Palmares, São Miguel dos Milagres e Palmeira dos Índios). Como variáveis independentes linguísticas foram analisadas a tonicidade da sílaba (átone ou tônica); o contexto anterior (vogal /i/ e /s/); consoantes (/t/ e /d/) e posição na palavra (final, média e inicial).

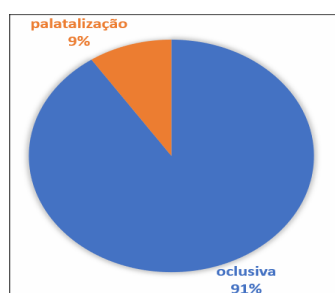
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fenômeno analisado nesta pesquisa é a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ seguidas de /i/, como nas palavras “tia” e “dia”, que são produzidas como [tʃia] e [dʒia] quando há a ocorrência do fenômeno supracitado. Nesta seção, serão abordados os resultados da análise realizada com o banco de dados do projeto PORTAL, que inclui alguns municípios do estado de Alagoas.

Foram identificadas 1404 ocorrências de contextos propícios à palatalização, das quais 133 (9%) foram palatalizadas. Cristófaró (2012) observou 100% desse tipo de palatalização em Fortaleza-CE e 19% em Afonso Bezerra / Guamaré - RN; Silva (2021) analisou 28% em Garanhuns – PE; Silva (2016) 8,3% em alguns municípios de Alagoas e Oliveira et al (2021) 20, 9% também em Alagoas.

De acordo com o gráfico abaixo, pode-se notar a diferença entre o uso das duas variantes faladas em Alagoas:

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências das variantes oclusiva e palatalização



Fonte: Elaboração própria

4.1 Variáveis sociais

Na análise quantitativa dos dados, foi observado que alguns fatores não apresentaram significância estatística para o estudo, como, por exemplo, a variável

social sexo/gênero. Conforme a tabela a seguir, 9,6% das mulheres realizam a palatalização das oclusivas alveolares e 9,4% dos homens realizam essa variante.

Tabela 1: Variável sexo/ gênero

Sexo/ gênero	Total	%
Feminino	720	9,6%
Masculino	684	9,4%

Fonte: Elaboração própria

Os resultados da pesquisa realizada por Silva (2021) mostram que “a palatalização se apresentou com a maior frequência no falar das mulheres, com 52% das ocorrências, ao passo que o sexo masculino apresentou 48% do fenômeno no falar garanhuense.” (SILVA, 2021, p. 15). Os estudos de Souza (2016) também apontam para um resultado semelhante ao de Silva (2021). Sob à ótica do pesquisador, “mulheres lideram a aplicação da regra da palatalização com peso relativo de 0,56, enquanto os homens apresentam peso de 0,44. O resultado sugere que o sexo feminino é mais favorável à aplicação da regra da palatalização que os informantes do sexo masculino.” (SOUZA, 2016, p. 64)

As variáveis analisadas que tiveram significância para este estudo serão vistas a partir deste parágrafo. A tabela a seguir traz os resultados da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em sete cidades de Alagoas:

Tabela 2: Variável Cidade

Cidades	Total	%	PR	Pvalor
Delmiro Gouveia	172	13.4	0.61	0.036
Palmeira dos Índios	191	13.1	0.61	0.023
União dos Palmares	210	10.5	0.53	0.696

Arapiraca	213	8.5	0.51	0.951
Penedo	241	7.5	0.44	0.053
Santana do Ipanema	189	7.4	0.42	0.049
São Miguel dos Milagres	188	6.9	0.37	0.042

Fonte: Elaboração própria

De acordo com a tabela acima, podemos notar que algumas cidades realizam mais a variante analisada do que outras. As cidades onde os informantes mais favorecem esse fenômeno são Delmiro Gouveia com percentual de 13,4% das ocorrências e PR= 0.61 e Palmeira dos Índios com 13,1 % e PR= 0.61. As cidades de Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e Penedo desfavorecem esse processo, com percentual de 7,4%, 6,9% e 7,5% respectivamente. Os municípios de Arapiraca (8,5%) e União dos Palmares (10,5%) nem favorecem nem desfavorecem a variante.

Se compararmos a análise supracitada com a pesquisa realizada por Silva (2016) na cidade de Maceió, perceberemos que os falantes da capital de Alagoas têm a tendência à palatalização em um percentual semelhante ao de Arapiraca, por exemplo, não favorecendo nem desfavorecendo esse processo. A pesquisadora analisou um total de 1092 ocorrências, “[...] 65,2% foram de aplicação das variantes oclusivas alveolares [t,d], 26,5% foram das africadas alveolares [ts, dz] e 8,3% das africadas palatais [tʃ, dʒ].” (SILVA, 2016, p. 26).

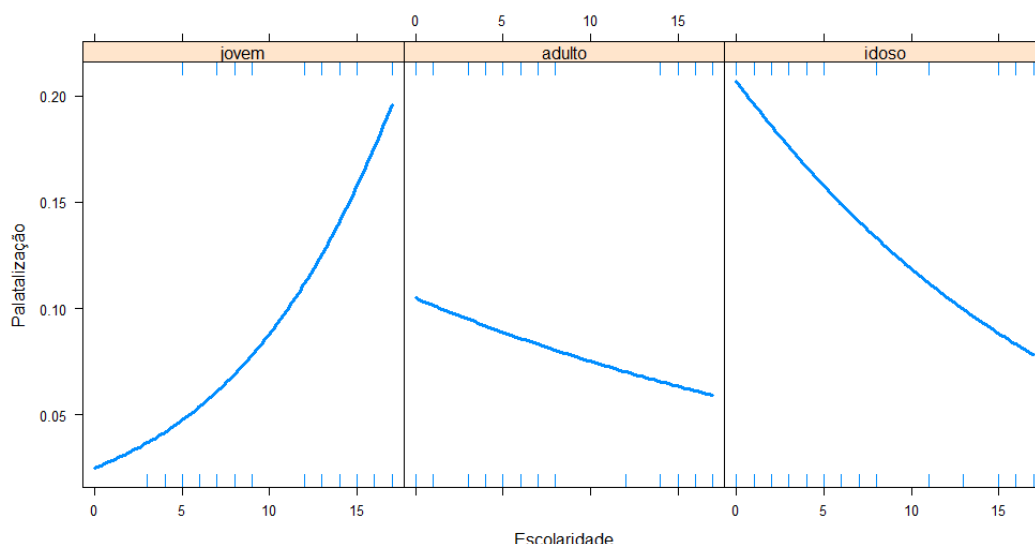
No estudo de Cristóforo (2012), nas cidades de Fortaleza (CE) e Afonso Bezerra/Guamaré (RN), observamos resultados bem distintos dos supracitados, uma vez que, na variedade palatalizante do Ceará, as africadas ocorrem em um percentual de 100% dos casos analisados. No Rio Grande do Norte, a pesquisadora

esperava que apenas oclusivas ocorressem, mas a variante palatalizada ocorre em 19% dos casos.

Quanto a variável social *idade* e *escolaridade*, podemos fazer algumas constatações importantes para esta pesquisa, pois começamos a pensar na possibilidade de estar acontecendo o que chamamos de mudança linguística em progresso.

No gráfico 2, apresentamos os resultados relacionados à interação entre *idade* e *escolaridade*.

Gráfico 2: Interação entre idade e escolaridade



Fonte: Elaboração própria

Através da análise dos resultados indicados no gráfico acima, constatamos que os jovens com maior nível de escolaridade tendem a realizar a palatalização das oclusivas alveolares quando seguidas de /i/, enquanto os idosos fazem o processo inverso, quanto maior o nível de escolaridade, menos a variante estudada será realizada. Os adultos são bem menos afetados nesse processo quanto à relação entre idade e escolaridade.

Isso provoca a interpretação de que está havendo um processo de valorização dessa variante entre os mais jovens, uma vez que quanto mais

escolarizados, mais favorecem a produção da palatalização. Ao passo que entre os mais idosos, ocorre o processo inverso, ou seja, essa ocorrência parece ser valorizada pelos mais jovens e estigmatizada entre os idosos. Assim, conclui-se que há uma transformação social da variante: de estigmatizada a prestigiada socialmente.

Tais resultados também foram alcançados por Silva (2016) e Silva (2021). Nos estudos das pesquisadoras supracitadas, os falantes que mais palatalizam também são os falantes com maior nível de escolaridade. Constatamos então, a partir desse resultado, que esse fenômeno é sensível à escolaridade.

Oliveira et al (2021) investiga a palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas pela semivogal /j/ em Alagoas, como nas palavras “muita” - [ˈmũĩtʃe] e “cuidado” - [kuĩˈdʒadu]. Ao final da sua análise, o pesquisador concluiu que “em todas as idades, há um efeito inversamente proporcional da escolaridade, o que indica que quanto maior o nível de escolaridade, menor o uso da palatalização das oclusivas”. O autor ainda constata que o tipo de palatalização estudada vem adquirindo um valor social negativo. (OLIVEIRA et al, 2021, p. 10).

Diante disso, as pesquisas analisadas são de grande valia para entendermos as questões sociais que estão envolvidas no estudo da variação linguística. Variantes semelhantes como a palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas pela semivogal /j/ e a palatalização das oclusivas alveolares seguidas de /i/, podem ter valores sociais distintos. Enquanto a variante estudada nesta pesquisa tem sido prestigiada socialmente, a variante estudada por Oliveira et al (2021) tem sido estigmatizada.

De acordo com Oliveira e Oliveira (2021):

Ao investigarmos a relação entre a escolaridade e a realização de variantes linguísticas podemos verificar a influência da valoração social nos usos linguísticos dos falantes, visto que o ambiente educacional contribui com o fomento das formas cultas da língua, na medida em que estigmatiza outras formas concorrentes, atribuindo-lhes valores negativos. (OLIVEIRA et al, 2021, p.10)

Nesse sentido, importa-nos citar o conceito de *deficiência linguística*, involuntariamente criada por sociólogos e psicólogos, como Bernstein, Sapir e Whorf e posteriormente rebatido por William Labov. Esse conceito reforça ainda mais os preconceitos sociais, “que valorizam certas regiões do país em detrimento de outras [...]”, “[...] criando-se, assim estereótipos linguisticamente inaceitáveis” (SOARES, 1989, p.).

Do ponto de vista linguístico, ou sociolinguístico, o conceito de ‘deficiência linguística’ é um desses estereótipos, resultado de um preconceito, próprio de sociedades estratificadas em classes, segundo o qual é ‘superior’, ‘melhor’ o dialeto das classes socialmente privilegiadas.” “[...] Os demais dialetos – de grupos de baixo prestígio social – são avaliados em comparação com o dialeto de prestígio, considerado a norma-padrão culta. (SOARES, 1989, p.41).

4.2 Variáveis linguísticas

Neste tópico, analisaremos as variáveis linguísticas como possíveis fatores condicionadores à escolha da palatalização das oclusivas alveolares seguidas de /i/. A primeira variável linguística analisada são as consoantes /t/ e /d/, que podem interferir na ocorrência da variante estudada.

Tabela 3: Variável consoante

Consoante	Total	%	PR	pvalor
/d/	565	6%	0.43	0.04
/t/	839	11, 8%	0.57	0.04

Fonte: Elaboração própria

Conforme a tabela acima, a consoante desvozeada /t/, dentro de um percentual de 11, 8% e PR= 0.57, favorece a palatalização, enquanto a consoante

vozeada /d/, com apenas 6% e PR= 0.43, desfavorece o uso da variante mencionada.

Os resultados obtidos se assemelham aos resultados das pesquisas de Silva (2021) e Oliveira et al (2021), os quais também concluíram que a consoante vozeada /d/ restringe o processo de palatalização, ao passo que a consoante desvozeada /t/ favorece essa variante.

Assim, podemos afirmar que as consoantes /t/ e /d/ interferem significativamente na ocorrência da variante investigada. A palatalização ocorre com maior facilidade na consoante /t/, uma vez que na consoante /d/, “esse processo aparenta ser mais difícil de ser realizado devido o processo de articulação fonética, ou seja, a vogal /i/ ou a glide /j/ tem pontos de articulações um pouco mais próximas da consoante alveolopalatal /tʃ/ do que do alofone /dʒ/, desempenhando maior facilidade ao pronunciar certas palavras palatalizadas.” (SILVA, 2021, p.13)

Outra variável linguística significativa para esta pesquisa é a *posição da sílaba*. Como mostra a tabela:

Tabela 4: Posição da sílaba

Tonicidade	Total	%	PR	pvalor
Final	733	11,3%	0.61	0.024
Inicial	445	4,7%	0.40	0.100
Medial	226	12,8%	0.49	0.860

Fonte: Elaboração própria

Com relação à variável posição da sílaba, analisamos a palatalização em três posições: Final (como em *leite*), inicial (como em *tipo*) e medial (como em *ótimo*). Dentre elas, os fatores que mais favorecem a variante estudada são as posições medial com percentual de 12,8% e PR= 0.49 e final com 11,3% e PR= 0.61. O fator que menos favorece o processo é a posição inicial, com apenas 4,7% e PR = 0.40.

A próxima variável a ser analisada é o *contexto anterior*. Vejamos a tabela:

Tabela 5: Contexto anterior

Contexto anterior	Total	%	PR	pvalor
Outro	1213	5,7%	0.11	0.000
S	73	72,6%	0.89	0.000
Glide anterior	18	27,8%	0.49	0.899

Fonte: Elaboração própria

A variável analisada acima foi uma das mais significativas estatisticamente para a pesquisa, pois de acordo com o resultado, vemos um percentual de 72,6% para o *contexto anterior* “S”, isso demonstra que há grandes chances de a palatalização ocorrer quando houver essa consoante no contexto anterior. Já o glide anterior aparece com uma porcentagem bem menor, favorecendo menos a variante estudada.

De acordo com Silva (2016), a consoante /s/ e a vogal /i/ anteriores favorecem o processo de palatalização (PR=99 e PR=92, respectivamente), resultados semelhantes ao desta pesquisa.

Por fim, a última variável linguística observada foi a *tonicidade da sílaba*. Observe a tabela abaixo:

Tabela 4: Tonicidade da sílaba

Tonicidade	Total	%	PR	pvalor
Átona	965	10,6%	0.57	0.019
Tônica	439	7,1%	0.43	0.019

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os resultados indicados na tabela, constatamos que as sílabas tônicas, com percentual de 7,1% e PR= 0.43, desfavorecem o processo de palatalização das oclusivas alveolares. Enquanto as sílabas átonas, por sua vez, favorecem esse processo com percentual de 10,6% e PR= 0.57.

Esses resultados se aproximam dos resultados obtidos por Souza (2016), o qual conclui que o fator *sílaba tônica* é o que apresenta menor influência na variante estudada. Porém, ainda de acordo com esse autor, esse resultado se diferencia do obtido por Souza-Neto (2014), que realizou sua pesquisa na cidade de Aracaju e chegou à conclusão de que “a sílaba tônica aparece como a mais favorecedora da palatalização da consoante sonora, enquanto a consoante surda é favorecida pela átona.” (SOUZA, 2016, p. 63)

Conforme Oliveira e Oliveira (2021), os resultados demonstram que a palatalização tem maior probabilidade de ocorrer em sílabas átonas (22,8% e PR=0,56) do que em sílabas tônicas (8,4% e PR=0,44).” (OLIVEIRA, 2021 et al, p. 13)

Bisol (1991) *apud* OLIVEIRA et al (2021) acredita que o critério de saliência atesta que as formas inovadoras em sílabas menos proeminentes tendem a ter mais sucesso que as inovações em sílabas fortes.

A regra incipiente mostra preferência por realizações sensíveis que passam despercebidas, isto é, para posições menos complexas na estrutura da sílaba ou para menor força prosódica, ou para segmentos fonológicos menos complexos e representações subjacentes menos abstratas. Diminuindo o efeito externo, isso impede a crítica de comportamento linguístico incomum, mais prejudicial para a expansão de uma regra e sua consequente generalização. (BISOL, 1991 *apud* OLIVEIRA, 2021).

5 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada teve como objetivo analisar o processo de palatalização das oclusivas alveolares seguidas de /i/ e destacar quais variáveis sociais e linguísticas colaboram para a ocorrência dessa variante. Realizaram-se entrevistas de modo informal e os dados necessários foram coletados e analisados com o intuito de observar o fenômeno em questão.

Diante disso, concluímos que algumas variáveis foram bastante significativas nesse processo, enquanto outras, como a variável social *sexo/gênero*, não teve significância na análise.

As variáveis linguísticas mais relevantes foram as seguintes: *posição e tonicidade da sílaba, contexto anterior e consoante*.

- Na variável consoante, constatamos que a consoante /t/ é mais favorável à palatalização do que a consoante /d/;
- Com relação ao contexto anterior, o “s” favorece a palatalização;
- As sílabas átonas favorecem a palatalização, enquanto as tônicas desfavorecem;
- As posições final e medial favorecem a ocorrência da variante, e a posição inicial desfavorece.

Já em relação às variáveis sociais, as mais significativas foram *interação entre idade e escolaridade e cidade*. Na variável cidade, os municípios que mais favorecem a palatalização são Delmiro Gouveia e Palmeira dos Índios. Arapiraca e União dos Palmares nem favorecem nem desfavorecem. Em contrapartida, Penedo, Santana do Ipanema e São Miguel dos Milagres, desfavorecem a variante.

A variável que mostra a interação entre idade e escolaridade foi a mais significativa de todas para a análise porque nos permitiu fazer uma comparação com os estudos de Oliveira e Oliveira (2021) e refletir sobre questões sociais acerca do uso das variantes estudadas e colocar em pauta o preconceito linguístico, bem como os fatores que provocam o uso de uma variante em detrimento de outra.

Concluímos que a palatalização é sensível à idade e à escolaridade do falante, visto que o percentual de jovens de maior nível de escolaridade é

diretamente proporcional ao uso da variante. Já com os idosos escolarizados, o processo é inversamente proporcional. Com isso, podemos concluir que trata-se de um provável processo de mudança em progresso.

Em suma, faz-se necessário que haja uma continuidade desse estudo, com o intuito de trazer colaborações para esse aspecto da variação linguística em Alagoas e no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Kermelly. **Palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/ no português falado em Garanhuns**. Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESD / LALIMU, v. 12, nº 34, jul 2021.

BISOL, L. **Palatalization and its variable restriction**. International Journal of Sociology of Language, Mouton, n. 89, p. 107-124, 1991.

OLIVEIRA, A. J. **Projeto PORTAL: variação linguística no português alagoano**. Disponível em: <http://www.portuguesalagoano.com.br>. Acesso em: 03 dez. 2021.

OLIVEIRA, A. A.; OLIVEIRA, A. J.; PAULA, A. S. **Palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Maceió**. Revista Leitura, Maceió, v. 1, n. 60, p. 102-122, jan./jun. 2018.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs et al. **Revisitando a palatalização no português brasileiro**. In: Revista de estudos linguísticos. Belo Horizonte, v. 20, nº 2, Jul./Dez. 2012, p. 59-89.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1997.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo, Parábola, 2008 [1972]

SOUZA NETO, Antônio Félix. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014.

MONTEIRO, Maria. **Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa**. Recife: UPE/NEAD, 2009.

SILVA, Karolliny. **Variação nas oclusivas alveolares no português maceioense: Africação e palatalização**. Alagoas: UFAL, 2016.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

FREITAG, Raquel; LIMA, Geralda. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

OLIVEIRA, A. A.; OLIVEIRA, A. J. **Variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas**. Alfa, São Paulo, v.65, e12280, 2021.

COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

SOUZA, GLÁDISSON. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. São Cristóvão – SE: UFS, 2016.